

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

A Língua como Factor de Identidade e de Identização

Por Amélia Arlete Mingas

Universidade da Bahia, 17-21 de Agosto/2008

Resumo: A atracção do mar imenso e o sonho de glórias criaram as condições necessárias para a longa viagem da nossa língua comum a vários continentes e conseqüente fixação em alguns dos seus pontos. Uma vez assente, essa Língua ganhou direitos de cidadania, graças à incorporação de marcas locais. Em conseqüência, na nossa Comunidade, essa língua constitui não só factor de **identidade** de cada um dos povos que dela se apropriou, mas também, e o que é mais importante, factor de **identização** desse mesmo povo, relativamente aos outros.

Palavras-chaves: língua, identidade, identização

Excelências,

Senhoras e Senhores Membros Directivos desta Universidade,

Senhor Adido Cultural da Embaixada de Angola no Brasil,

Senhor Director da Casa de Angola,

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Apraz-nos felicitar esta Universidade pela organização do presente Seminário, numa cidade tão linda como é a Bahia. Apraz-nos, de igual modo, agradecer o convite que nos foi endereçado para nele participar. Bahia é a cidade para onde vieram muitos dos nossos antepassados que, sendo homens livres no seu país, foram trazidos até cá para serem escravizados. A sua história constitui, por isso, uma parte importante da nossa história, a saber, da História da África que fala português.

A nossa participação, neste Seminário, vai ter como centro uma reflexão obre a língua enquanto factor, quer de identidade, quer de identização, porquanto o binómio língua/identidade, quando

analisados num processo de identificação de uma sociedade, consubstancia comportamentos específicos, porquanto não são estranhos, a ele, a história e a cultura da sociedade em causa.

Yeda de Castro (Mindelo, Cabo Verde, 2008), figura incontornável da plêiade de investigadores brasileiros sobre o fenómeno de contacto de línguas no Brasil, está bem ciente disso, conforme o podemos confirmar no que a seguir se transcreve:

“A consequência mais direta do tráfico de África para o Brasil foi a alteração da língua portuguesa na antiga colônia sul-americana. Isso se fez sentir em todos os setores, léxico, semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada.

Explicar o avanço do componente africano nesse processo, antes de tudo, é ter em conta o falante africano como personagem atuante e com voz no desenrolar dos acontecimentos históricos de ordem sócio-econômica e de natureza lingüística que ao longo de três séculos consecutivos favoreceram a participação de seus atores no processo de conformação do português brasileiro.

A todos actos de comunicação está subjacente o item “língua”, pois o último implica, sempre, uma interacção entre no mínimo, dois interlocutores. Nesta perspectiva, todo e qualquer contacto, entre os membros de uma comunidade ou sociedade, concretizam-se com e por meio de uma língua. Em consequência, qualquer língua desenvolve-se espacial e temporalmente à medida que as respectivas sociedades e/ou comunidades se vão organizando e

consolidando o seu conhecimento e domínio sobre o meio ambiente e a sua relação, numa primeira etapa, com as comunidades circundantes.

Mas, concomitantemente, a língua também se vai alterando mediante o tipo de utilização dos seus locutores, transformando-se num elemento indispensável não só à coesão social mas também, ao processo de *identificação* e *identização* dos membros das sociedades e/ou comunidades que a usam.

A longa viagem

À evolução da língua portuguesa não foi estranha a atracção do mar imenso e o sonho de glórias, pois elas criaram as condições necessárias para a longa viagem da nossa língua comum a vários continentes e conseqüente fixação em alguns dos seus pontos. Uma vez assentes as arraias, essa Língua foi apropriada pelas populações locais, atestando, inevitavelmente, a incorporação de marcas locais, o que lhe concedeu direitos de cidadania.

Por conseguinte, nos nossos Países, podemos afirmar que a língua portuguesa constitui não só um dos factores de *identidade* de cada um dos povos que dela se apropriou, mas também, e o que é igualmente importante, contribuiu para a *identização* desse mesmo povo, relativamente aos restantes.

É óbvio e notório que hoje, a língua portuguesa tem, como eixos principais, a contribuição das várias realidades sociais, linguísticas e culturais, intrínsecas a cada um dos Estados que integram a

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. O reforço dela assenta, assim, numa partilha de pressupostos que têm como base princípios de igualdade e de liberdade de opção, em que a soberania dos povos é imprescindível à existência das distintas variantes linguísticas.

Por razões históricas, decorrentes da longa viagem da língua portuguesa, a outras paragens, em cada um dos nossos países, essa língua tem vindo a actuar, como centro do processo de comunicabilidade entre os vários grupos etnolinguísticos existentes, localmente. Torna-se, por tal, inevitável, uma partilha dos impactos do convívio das várias expressões da nossa língua comum e dos valores culturais relevantes por elas veiculados. E isso, deve ter como ponto de partida as tensões e conflitos que se geraram e geram nas diferentes etapas de desenvolvimento das sociedades, porquanto elas integram e desenvolvem, lenta, mas segura e gradualmente, os elementos que se ajustam à identidade de cada uma das sociedades expostas aos supra citados sistemas de valores.

Uma partilha dos acervos culturais, não limitante das identidades, permitirá a integração num sistema de valores comunitários, todas as contribuições locais. Disso são provas, por exemplo, **Guimarães Rosa** que ao recriar, nos anos 50, os falares do sertão de Minas Gerais, deu um passo significativo para a assunção de uma postura nacional, face à realidade social e existencial do Brasil de então.

De igual modo, a literatura brasileira, no início do século passado, contribuiu imenso para delinear uma identidade nacional, com obras como a "Gramatiquinha da Fala Brasileira" com **Mário de Andrade**,

ou ainda, com **Oswald de Andrade**, recriando o português coloquial, pelo emprego, por exemplo, da próclise pronominal em exemplos como: "Me dá um cigarro". (ANDRADE, O., *Pau-Brasil*, 1990).

E perguntamo-nos o que motivou esta reacção? Ela advém, quanto a nós e, como aliás, sublinhou Yeda Pessa, do reconhecimento da contribuição das línguas africanas, entre outras, para a especificidade da variante brasileira, pois as identidades culturais são tanto mais afirmadas e coerentes, quanto mais se dispuserem à tensão dialéctica com outros sistemas de valores, pois influenciam ao mesmo tempo que são influenciadas.

Identidade versus identização

Da realização deste Seminário, num estado que, segundo o Presidente Lula da Silva, citamos "É o mais negro dos Estados brasileiros", infere-se que decididamente, o Brasil assume a sua história, de modo seguro, pois a sua intelectualidade tomou as rédeas deste grande, difícil, mas promissor combate pela defesa aberta do reconhecimento da sua contribuição das línguas africanas, como um dos elementos da sua identidade.

Por outro lado, dá passos significativos para a implementação e consolidação da sua contribuição para uma maior abrangência e flexibilidade da nossa língua comum. Pensamos que só assim, esta língua estará capaz de assumir as contribuições diversificadas das múltiplas formas de expressão e de representação que caracterizam a nossa Comunidade.

Neste domínio, o que particulariza e marca a identidade, são por um lado, o conjunto de elementos comuns a uma dada comunidade e, por outro, o princípio de que deverão continuar a ser as línguas e as culturas locais/nacionais, também elas contribuintes para uma realidade dinâmica e permanentemente ajustada, que é, não só o conhecimento, mas também o reconhecimento de uma língua comum de ligação ou seja, a língua portuguesa.

Mas, dada a diversidade social, cultural e linguística que caracteriza a nossa Comunidade, são muitas e, por vezes, até divergentes, as marcas que a nossa língua comum ganhou e tem vindo a ganhar em cada um dos Estados membros, daí a existência de diferentes variantes da língua portuguesa no mundo.

No que respeita ao Brasil, a presença, na sua língua de itens como *Ibirapuera, Ituaçu, Pitabu, Arujá, Ipiranga* ligam-no às línguas e culturas locais, ameríndias; mas *bunda, cochilar, cochilo, caçula, mukama, lemanjá, acarajé*, às línguas e culturas africanas. Nesta perspectiva, esses itens, no seu conjunto, constituem marcas identificadoras da componente africana da identidade brasileira.

E mais, todos os itens consubstanciam elementos da identificação da comunidade brasileira, pois permitem que, na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, se possa identificar este Estado, relativamente soas outros, devido ao tipo de variação que a língua portuguesa aqui sofreu.

Angola e Brasil

A história da evolução da língua portuguesa, em Angola, não pode, nem deve ser dissociada da verificada no Brasil por razões óbvias. É que o Brasil, e mais precisamente, o Estado da Bahia, constituiu o primeiro grande laboratório da transformação da língua portuguesa, através da incorporação nela, de itens africanos. Assim, o primeiro e mais significativo movimento, para o processo de africanização da língua portuguesa, teve lugar neste Estado.

Assim, os termos /kasule/, /kukoxila/, /koxilu/, /mbunda/ /mukama/, /kitanda/, dentre outros, pertencentes à língua kimbundu, língua materna dos Ambundu (Angola) após sofrerem o fenómeno de aportuguesamento, regressaram ao País, com novas roupagens, o que lhes concedem o direito de entrada pela porta da frente, como itens portugueses. Daí "cochilar", "cochilo", "bunda" "caçula" e quitanda, este último, significando mercado, lugar de exposição e venda de produtos.

Bahia (Brasil) e África

As constatações acima expostas tornam evidente a importância do Brasil e mais precisamente deste Estado, na história da evolução das línguas africanas, em especial do kimbundu e kikongo, línguas que percentualmente, mais marcas parecem ter deixado no português do Brasil.

É também relevante considerar o facto que, sempre que membros de uma comunidade linguística se separam do seu habitat natural, a

evolução da sua língua materna não se verifica ao mesmo ritmo que no país de origem. Possivelmente no intuito de salvaguardar a sua identidade, ou porque as interações na nova sociedade não podiam ser feitas pelo uso da sua língua materna, esta ficou como que enclausurada.

Assim, a sua perpetuação realizou-se através de ritos religiosos, como os candomblés. Graças a esta estratégia, foi possível sobreviverem a séculos de opressão e de reclusão, sendo a evolução lenta e, aparentemente pararam no tempo, pelo que elas atestam muitos arcaísmos. Por exemplo, o item *mukama* (kikongo), significando “esposa (de um membro da Corte)”, apresenta, hoje em dia, uma alteração formal, devido à queda da vogal posterior, portadora do tom. O termo evoluiu para *`nkama*, onde a consoante nasal constitui núcleo de sílaba, mantendo-se o plural intacto *bákama*.

Face a esta constatação, pensamos que o estudo das línguas africanas, no Brasil, reveste-se de importância extrema para a investigação nos nossos países, na medida em que, a contribuição do português brasileiro constituirá uma mais valia para o estudo diacrónico das línguas africanas do continente. Uma vez que o estudo científico aprofundado das línguas africanas nos PALOP é recente e, na sua maioria, feito sincronicamente, esse trabalho seria facilitado se tivesse como ponto de partida, dados concretos sobre as línguas africanas que subsistem no Brasil.

É que as línguas africanas têm sido utilizadas tão-somente ao nível da oralidade, pelo que elas evoluíram sem uma norma que

controlasse o seu desenvolvimento e o estudo sincrónico das mesmas, nem sempre consegue explicar a evolução de alguns itens, pelo que os dados sobre as mesmas, caso existissem, facilitariam a sua investigação no Continente.

Assim, e a título de conclusão, pensamos ser importante e necessário que sejam assinados protocolos de cooperação entre esta Universidade e Universidades e Centros de formação superior, dos PALOPs, para a criação de equipas conjuntas que terão, como objectivo a investigação e descrição da linguagem religiosa do Brasil e posterior análise contrastiva dessa linguagem com as línguas existentes no Continente.

Não poderíamos acabar a nossa intervenção sem saudar e louvar o esforço que tem vindo a ser desenvolvido por Yeda Pessoa e demais investigadores desta Universidade, no sentido de não só inventariarem os itens caracterizando a linguagem religiosa, mas também salvaguardarem e promoverem componentes identitárias, tão importante como o são as línguas africanas no Brasil.

Twasakidila !

Tutondele !

Nzambi a Phungu tuvana nguzu !

Muito obrigada pela atenção que se dignaram prestar-nos.

Bibliografia

ANDRADE, Oswald, 1990

Pau-Brasil. Porto Alegre: Globo.

ANTÓNIO, Diogo, 2000

Provérbios em kikongo. Verona, Topografia don Calabria

CARVALHO, Paulo de, 1982

Estrutura social e linguagem (O caso de Angola colonial), CEA, Coimbra, Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

CESAIRE, Aimé, 1959

L'homme de culture et ses responsabilités, Paris, Présence Africaine

COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.), 1991

Guimarães Rosa – Fortuna crítica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

MINGAS, Amélia Arlete, 2000

A importância das línguas nacionais na união do povo angolano, Luanda, intervenção apresentada na Universidade Jean Piaget de Angola.

-----, 2002

Línguas etnias e nação, Moscovo, intervenção apresentada na Universidade Estatal de Moscovo.

-----, 2005a

Culture populaire traditionnelle et modernité, intervenção apresentada no Workshop Stories Across Africa, Cape Town, Universidade de Cape Town.

-----, 2005b *Angola: Línguas Nacionais e Identidade Cultural*, São Petersburgo, Universidade Estatal de São Petersburgo.

PINTO, E. Pimentel, 1990

A Gramatiquinha de Mário de Andrade. Texto e contexto. São Paulo: Duas Cidades.

ROSA, João Guimarães, 1965

Grande- sertão: veredas. Rio de Janeiro: Ed. José Olimpyo